

NOTÍCIAS

ALGUNS PENSAMENTOS MEDIEVAIS SOBRE A ARCA

A revista da Creation Research Society em seu número de março de 1960 apresentou interessante notícia elaborada pelo seu Editor Harold L. Armstrong, a respeito de referências feitas à arca de Noé por algumas personalidades que viveram durante a Idade Média.

Transcreve-se a seguir a mencionada notícia, para nossos leitores.

O formato e a estrutura da arca de Noé são assuntos sobre que, de tempos em tempos, algo é escrito, não só na revista da Creation Research Society, como em outras literaturas criacionistas. Poderá ser de interesse mencionar alguns escritores antigos a seu respeito.

Hugo de S. Vitor, teólogo e professor que viveu em torno de 1.100 A.D., parece ter estado muito interessado na arca. Alguns de seus pontos de vista foram apresentados por Zinn, na publicação "Hugo de S. Vitor e arca de Noé, novas considerações", editada pela Grover em 1971 na série Church History, 40(3), páginas 261 a 272. Há também um livro - "Hugo de S. Vitor, seleção de textos espirituais"- traduzido por um religioso e publicado em 1962 pela Faber and Faber, em Londres (ver especialmente as páginas 60 a 63).

Logo no início da era cristã Orígenes havia exposto seus pontos de vista sobre a arca. Ele a considerava como uma estrutura piramidal, e por muito tempo esse ponto de vista permaneceu aceito. Agostinho, embora o aceitando, considerou que tal arca teria sido bastante imprópria para navegação no mar; porém supunha que ela havia sido mantida incólume mediante a direta intervenção de Deus.

Hugo, entretanto, mantinha que onde não se afirma que um milagre foi realizado, não se deveria apelar para sua realização, até que se pudesse obter maior compreensão a respeito do que poderia ter sido realizado dentro da própria ordem da natureza. Aparentemente estudou ele a construção e o uso de navios, e apresentou uma interpretação completamente diferente.

De fato, a arca que Hugo delineou parece apresentar semelhança com as arcas de Noé que freqüentemente são fabricadas para brinquedo de crianças. Ele a considerou como sendo igual a uma casa flutuante - era um navio na parte de baixo, mas tinha na parte de cima uma construção semelhante a casa, ou pelo menos uma cobertura semelhante ao teto de uma casa. Hugo tinha também algumas idéias a respeito das acomodações internas. Uma delas, que parece não ter sido adotada por escritores posteriores, era da existência de um aquário para animais do tipo de focas, por exemplo. Ele também sugeriu algo a respeito das dimensões internas, e de como eram contidos os animais.

É verdade que o interesse de Hugo com relação à arca não se prendia fundamentalmente às linhas da arquitetura naval. Da mesma maneira que a maior parte dos teólogos medievais, estava ele muito interessado no significado alegórico das Escrituras, e julgou mesmo vislumbrar muitas alegorias no relato da arca. Sem dúvida a existência da tendência dos escritores medievais de serem arrastados pelas alegorias é um fato que não pode ser negado.

Deve ser observado, entretanto, que eles mantinham, pelo menos na teoria, que a validade dos significados alegóricos derivava dos literais. Assim, quem quer que desejasse tirar significados alegóricos das Escrituras deveria estar certo de que os relatos eram verdadeiros em seu sentido literal. De fato, Hugo e seus contemporâneos jamais duvidaram da verdade literal das Escrituras, nela incluída a história da arca.

Ao investigar como esses relatos, aceitos como literalmente verdadeiros, podem estar em harmonia com a natureza das coisas, Hugo parece ter-se constituído em pioneiro no trabalho que posteriormente seria levado a cabo pelos modernos criacionistas.

EVIDÊNCIAS SOBRE A ÉPOCA DO DILÚVIO

Harold Armstrong, editor da revista publicada pela Creation Research Society, apresentou no seu número de março de 1976 breve comentário sobre o assunto, conforme a transcrição seguinte:

A maioria dos criacionistas hoje acredita que o dilúvio tenha sido importante acontecimento. Embora essa posição não dependa de se saber exatamente quando o dilúvio tenha ocorrido, é natural o desejo de sabê-lo. As informações que se encontram nas Escrituras permitem a determinação da época, porém não existe total concordância a respeito da interpretação de certas passagens.

Poderá ser útil, então, a consideração de qualquer outra fonte auxiliar possível. Tais fontes evidentemente não têm a autoridade das Escrituras, porém poderão ter algum valor corroborativo.

Segue-se uma possível fonte de informação, para o que possa ser de utilidade. Trata-se do autor romano Censorinus, que em seu livro De Die Natali, escrito nos meados do terceiro século da era cristã, declarou que o curso dos acontecimentos humanos considerava-se dividido em três eras.

A primeira era, desde o início da humanidade até o primeiro cataclismo, foi chamada adelon, isto é, obscura. A segunda, desde o primeiro cataclismo até a primeira Olimpíada, foi chamada de mítica, porque nela se deram os acontecimentos de muitos dos mitos clássicos. A terceira foi chamada de histórica.

Censorinus não pretendeu saber qual foi a duração da primeira era. Afirmou, porém, que comumente se acreditava ter a segunda durado cerca de 1600 anos. Ora, os primeiros jogos Olímpicos comumente são considerados como tendo se realizado em 776 A.C. Logo, o primeiro cataclismo teria acontecido aproximadamente em 2400 A.C. Se o primeiro cataclismo fosse o dilúvio, esse resultado concorda bastante bem com muitas das cronologias estabelecidas.

Ao mencionar o primeiro cataclismo, Censorinus aparentemente fazia referências à opinião que parece ter sido comum nos tempos clássicos, de que houve um dilúvio anterior ao de Deucalião. Aristóteles declara em seus escritos que o dilúvio de Deucalião limitou-se a partes da Grécia. Pode ter sido considerado que o dilúvio anterior tivesse sido universal.

A propósito, Censorinus parece ter escrito como pagão, e não como cristão ou judeu. Certamente poderia ele ter recebido informações de fontes cristãs ou judaicas, embora não as tivesse citado.

SOBRE A DATA DO DILÚVIO

A revista da Creation Research Society publicou na sua seção “Cartas ao Editor” interessante contribuição enviada pelo seu colaborador H. C. Paterson, cujo endereço é 212 777 Cooks Street, Victoria, British Columbia, Canadá.

Transcreve-se a seguir a contribuição mencionada, e o comentário apresentado pelos editores da revista.

“Johnson, em seu recente artigo, afirmou que a Bíblia não registra o ano do dilúvio⁽¹⁾. De fato, é verdade que ela não declara que o dilúvio aconteceu no ano tal e tal antes de Cristo. Entretanto, ela afirma que foi no ano 600 da vida de Noé, o que, pelas genealogias, vem a ser o ano 1656 da fundação do mundo.

Por outro lado, é possível calcular de trás para diante, usando as cronologias e as genealogias, e chegar a uma data não muito diferente, embora não idêntica à dada por Ussher. De fato, mediante tal cálculo, pode ser determinado o ano 2520 A.C. como a data do dilúvio, como mostrado a seguir.

A Bíblia é muito sumária no que diz respeito a datas. Entretanto, datas de muitos acontecimentos podem ser corroboradas por outros livros, tais como o de Jaser, que apresenta maiores detalhes a respeito desses acontecimentos. Incluem-se nesses acontecimentos o nascimento de Abraão, o oferecimento de Isaque, a vida e o cativo dos filhos de Israel no Egito. Sem dúvida, ninguém alega que tais livros como o de Jaser tenham a mesma autoridade das Escrituras canônicas, porém bem podem eles incorporar tradições válidas.

Considera-se, geralmente, que a destruição de Jerusalém e do Templo, e o fim do reino de Judá, se deram em 586 A.C. Isto aconteceu 597 anos depois da indicação de Saul como primeiro rei de Israel. Antes disso, a nação teve juizes por 330 anos, e anteriormente haviam sido estabelecidos patriarcas durante o período de 17 anos. Isso nos leva à data da morte de Josué, que se deu 28 anos após a passagem do Jordão, que por sua vez foi 40 anos após o êxodo do Egito. Ora, desta forma chegamos a 922 anos antes da queda de Jerusalém no ano 586 A.C., o que nos leva a 1508 A.C. como data do êxodo. Os filhos de Israel permaneceram no Egito por 430 anos (Êxodo 12:40 e 41) e Jacó (Israel) tinha 130 anos quando a sua família entrou na terra de Gosem (Gênesis 47:9). Jacó nasceu quando Abraão tinha 100

anos, e Abraão nasceu 292 anos depois do dilúvio. Somando todos esses períodos, resulta 2520 A.C. como a data do dilúvio.

Ocasionalmente, uma característica impressionante dessa data é o fato de que são apresentados sete ciclos ou sete “tempos” para o plano de Deus, desde o dilúvio até Cristo.

Referência

- (1) Johnson G. L. 1974. “The Genesis Flood and the Geological Record.” *Creation Research Society Quarterly* (2):108- 110.”

O Editor da revista da Creation Research Society, por sua vez, assim se expressou:

“O autor desta carta fez referência ao livro de Jaser, que é mencionado no Velho Testamento nos livros de Josué 10:13 e II Samuel 1:18. Comumente tem sido suposto que se tenha perdido o livro de Jaser desde épocas remotas. Um correspondente deu-me notícia de que a Enciclopédia Bíblica de Fairbairn menciona que em torno de 1750 foi publicada uma falsa edição daquele livro. O volume que vi, entretanto, e ao qual suponho que a carta faz referência, tem a data de cerca de 1830 a 1840. No seu prefácio admite-se que tenham surgido farsas pretendendo ser o Livro de Jaser, uma das quais, presumivelmente a que foi mencionada acima, em torno de 1750.

Por outro lado, certamente não é de todo impossível que um livro, perdido durante séculos, pudesse ser redescoberto. O livro de Enoque, por exemplo, esteve perdido para a maior parte do mundo, até que foi encontrado escrito em etiope. Também a Constituição de Atenas, de Aristóteles, havia sido perdida desde a antigüidade, até que no século passado foi encontrada em um manuscrito.

Presumivelmente, no que diz respeito a todos os livros não canônicos, a boa política é atentar para eles e usar as informações neles encontradas, desde que não colidam com as Escrituras ou com o senso comum. No caso em questão, a carta recebida do leitor não depende exclusivamente, ou preponderantemente, do livro de Jaser.”

ENCONTRAR-SE-Á A ARCA DE NOÉ?

A revista “El Centinela y Heraldo de la Salud”, publicada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em língua espanhola, apresentou em um de seus últimos números interessante artigo de autoria do Dr. Alcides J. Alva, a respeito de relatos de exploradores e expedições organizadas para descobrir os restos da arca de Noé nos montes de Ararat.

Apresenta-se a seguir, para nossos leitores, a transcrição daquele artigo, cujo conteúdo, aliás, faz parte de diversos livros que têm sido publicados de maneira mais pormenorizada sobre o assunto.

Não são poucas as pessoas de diferentes níveis culturais e ideologias religiosas que perguntam se a Arca de Noé está realmente em baixo das neves que cobrem o monte Ararat, e se poderá ainda vir a ser encontrada.

Há pessoas que crêem que o dilúvio relato no livro de Gênesis é um piedoso mito que se tem conservado por muitas gerações entre pessoas de susceptibilidade religiosa, e que em conseqüência não houve nem jamais poderá ter havido um “navio” como o descrito pelo primeiro livro da Bíblia, nem muito menos ter havido espaço suficiente para todas as espécies de animais que se salvaram, segundo o relato bíblico. Outros pensam que se tivesse existido tal embarcação e se realmente tivesse havido um dilúvio com as características mencionadas nas Escrituras Sagradas, haveria ela sido despedaçada pela fúria da tormenta desatada pelo mencionado cataclismo.

A geologia uniformista sepultou quase definitivamente toda teoria que pretendia explicar a formação do relevo terrestre e a riqueza fossilífera, como o resultado direto ou indireto de um dilúvio universal. A evolução pretende aniquilar toda crença no sobrenatural, em uma criação por um Deus pessoal, afirmando que a Bíblia não é mais que um livro cheio de mitos e superstições.

Com este pano de fundo, é de se esperar que muitos intelectuais, tanto cépticos como religiosos, quase nunca pensem neste assunto nem falem de que eventualmente a Arca de Noé será ainda encontrada.

Para nós que cremos na inspiração divina das Sagradas Escrituras, o dilúvio e a Arca de Noé foram realidades inegáveis. Cremos que a arca repousou nos cumes do Ararat. O Senhor Jesus Cristo faz referência aos tempos de Noé, dando valor histórico ao dilúvio, e todo cristão sem dúvida aceita como verídico este acontecimento

bíblico. Não obstante, se a arca se tem conservado até nossos dias nas geleiras do Ararat, e se poderá ainda ser achada, é um assunto difícil de afirmar ou negar. Por outro lado, é lógico pensar que Deus poderia ter preservado essa embarcação exatamente até estes tempos de tanta incredulidade e desprezo às crenças religiosas e à verdade da inspiração da Bíblia, porque um fato desta natureza calaria muitos críticos e incrédulos, e o mundo em geral seria levado a tomar uma atitude diferente para reencontrar-se com Deus e com Sua Palavra. Este achado, que muito anelamos, está dentro de todas as possibilidades e seria um dos acontecimentos mais transcendentais da era cristã.

Escreveram-se vários livros e publicaram-se artigos em diversas revistas sobre as diferentes excursões feitas às montanhas onde a Bíblia diz que repousou a Arca. Algumas pessoas têm assegurado ter visto parte dela; outros dizem ter entrado em seus compartimentos e outros afirmam ter achado pedaços de madeira que indubitavelmente pertenceram ao gigantesco barco de Noé. Vários excursionistas têm procurado confirmar as afirmações feitas pelos que dizem ter visto ou achado algo, mas com resultados não muito felizes.

Sabemos de organizações científicas e de teólogos que com toda seriedade e dedicação têm explorado ou tentado explorar o Ararat nos últimos anos, inclusive até 1972, mas têm-se defrontado com um sem número de dificuldades, sejam de ordem climática, sejam entraves impostos pelas autoridades turcas, ou outros problemas de índole variada. Não obstante, eles mesmo, ou outros mais, pensam seguir adiante com seus planos, e alentam a firme esperança de achar a Arca de Noé a curto prazo.

Sem maiores comentários, permitimo-nos transcrever uma relação das supostas observações da arca e das viagens e achados que se conhecem desde 1856 até 1972. Isto confirmará o que acabamos de dizer sobre o interesse permanente de explorar-se o Ararat, com a esperança de que estes esforços sejam coroados com o achado grandemente cobiçado.

Relação cronológica das viagens, observações e achados relativos à Arca de Noé

(Comparar com a Nota Editorial Adicional incorporada a esta segunda edição da Folha Criacionista nº 23)

Desde 1856, mais de duzentas pessoas pretenderam ter visto a arca de Noé no monte Ararat. Em 1856, três cientistas ingleses incrédulos, e dois armênios localizaram a arca. Os guias armênios foram ameaçados de morte se revelassem o descobrimento. Anos depois, um deles, Haji Yearam, em seu leito de morte na Califórnia, em 1918, confessou a seu enfermeiro, Harold Williams, ter visto a arca. Em um diário de Boston, mais tarde o mesmo Williams leu que um daqueles cientistas também havia feito uma confissão semelhante pouco antes de sua morte, na Inglaterra, confirmando assim o dito por Yearam.

1876 - Enquanto se procurava a arca, James Bryce, da Inglaterra, encontrou um pedaço de madeira lavrada, que cria ser da arca. Mais tarde Bryce chegou a ser embaixador nos Estados Unidos.

1883 - O governo turco convidou o glaciólogo inglês Gascoyne para encabeçar uma expedição a fim de determinar a causa de uma avalanche na montanha. Quando explorava a montanha, encontrou a arca e entrou nela, rompendo o gelo de seus compartimentos. Estes expedicionários acharam jaulas suficientemente grandes para alojar dinossauros, e também encontraram um diário de navegação inscrito em uma das paredes. Este descobrimento foi publicado em um dos diários dos Estados Unidos da América.

1887 - Com a idade de 22 anos, o príncipe Nouri, que depois chegou a ser dirigente dos cristãos nestorianos na Índia, e que falava quatorze idiomas, encontrou a arca, em sua terceira tentativa.

1902-1905 - Jorge Ucell é um ancião armênico que agora vive em Chicago. Quando era menino, ele e seu pai costumavam subir ao monte Ararat freqüentemente e em várias ocasiões viram a arca. O artista Alfred Lee desenhou uma figura da arca na capa de seu folheto, de acordo com a descrição proporcionada por Ucell.

1915-1916 - Um aviador russo, o tenente Zabolotsky, afirmou ter visto a arca enquanto voava sobre o Ararat. O czar da Rússia enviou duas expedições investigadoras. Um grupo de cinquenta pessoas viu a arca na encosta do lado leste. Um outro grupo de cem pessoas que se aproximou do lado oeste da encosta, encontrou a arca e entrou nela. Um pouco depois estourou a revolução bolchevista e os documentos foram destruídos ou escondidos. Quatro membros deste grupo fugiram para a América. A história deles foi relatada a Eryl Cummings, de Farmington, Novo México, que havia dedicado muito tempo, esforço e dinheiro em busca da arca.

1915 - Cinco soldados turcos atravessaram a montanha ao regressar de Bagdá e acidentalmente viram a arca. Eles informaram seu descobrimento a Duran Ayranci, que escreveu uma carta à embaixada dos Estados Unidos na Turquia, e ao mesmo tempo ofereceu sua ajuda a uma expedição proposta pelos Estados Unidos da América. O adido da embaixada, Dr. Raymond Moore, não sabia de tal expedição; portanto, arquivou a carta. Vinte anos depois, enquanto almoçava com Eryl Cummings de Farmingtn, o Dr. Moore entregou a carta a Cummings, para quem estava

realmente dirigida. Ayranci foi localizado, e ainda que demasiado fraco para guiar o grupo, prestou-lhe informações úteis.

1932 - Neste ano, Carveth Wells encontrou madeira lavrada na montanha e supôs que pertencia à arca.

1934 - Uns aviadores americanos afirmaram ter visto a arca quando estavam transportando provisões militares à Rússia. Várias pessoas recordaram ter visto este detalhe na publicação militar "Stars and Stripes", mas o recorte não foi encontrado.

1936 - Hardwicke Knight, arqueólogo da Nova Zelândia, escapou dos bandidos ao realizar uma viagem pela região. Para evitar sua captura, viajou pelo monte Ararat e em sua jornada tropeçou num pedaço de madeira lavrada. Em 1967 tratou de realocar esta área, mas densa tempestade de neve afastou-o da montanha.

1948 - Um granjeiro curdo chamado Reshit avistou a proa da arca enquanto caminhava na montanha e informou este descobrimento a Shukru Asena, um rico fazendeiro, o qual relatou o incidente aos jornalistas da embaixada norte-americana.

1953 - Jorge Greene, um explorador de minerais, de Corpus Christi, Texas, obteve permissão para voar em um helicóptero sobre a área, à procura de minério. Enquanto voava, avistou a arca e a fotografou com um equipamento potente. Mostrou estas fotografias a amigos, incluindo a Frederick Drake, de Kanab, Utah, em 1954. Ao ver estas fotografias, Drake avisou o geólogo Clifford Burdick em 1967. Naquela ocasião Jorge Greene tinha morrido, ou havia sido assassinado, e as fotografias desaparecerem. pelo menos trinta pessoas testificaram tê-las visto.

1955 - Quando era jovem, Ferdinand de Navarra, da França, fez amizade com um jovem armênio, que lhe contou que seu avô tentou chegar à arca. Depois de quinze anos de pesquisas e estudos sobre a região, de preparo de equipamentos e reunião de fundos, Navarra fez a primeira de suas tentativas para localizar a arca. Em sua terceira viagem, acompanhado de seu filho Rafael, de onze anos de idade, desceu uns trinta metros dentro de uma gruta onde conseguiu encontrar um pedaço de madeira lavrada à mão, de cor quase negra.

1960 - Uma expedição norte-americana procurou confirmar a existência de um objeto semelhante a um barco que se mostrava em uma série de fotografias aéreas da região onde se supõe que está a arca. Os resultados foram negativos.

1966 - Uma expedição bem organizada fez um estudo amplo, de caráter geológico e botânico, mas não localizou a arca.

1970 - Negou-se a permissão a uma expedição investigadora que queria encontrar a arca. Eryl Cummings subiu a montanha e não encontrou nada.

1971 - O governo turco negou a todos os grupos a permissão de escalar a montanha.

1972 - Concedeu-se permissão a dois grupos para explorar a montanha, como turistas. Lutaram contra severas tormentas, e vários dos alpinistas ficaram paralizados em resultado dos relâmpagos. Outros tiveram suas câmaras fotográficas roubadas, bem como todo seu equipamento.

Todos estes testemunhos são bastante significativos, e permitem supor, logicamente, que de fato se encontram no monte Ararat os restos de um grande navio, que seria a arca de Noé. Assinalamos, ainda, de passagem, o fato de que se encontram quase cem relatos sobre o dilúvio em numerosas culturas da antiguidade que representam povos de todos os continentes e também das ilhas do Pacífico. A maioria das histórias tem certos traços em comum, a saber, que a destruição ocorreu por água, que se providenciou uma arca e que desse modo se salvou o gênero humano.

Embora seja possível que alguns desses relatos tenham se originado em uma catástrofe local, a distribuição mundial das versões sobre o dilúvio não deve indicar um fenômeno acidental, e deve-se aceitá-la como evidência da historicidade da narração bíblica do dilúvio.

O RELATO BÍBLICO DO DILÚVIO

(Esta Nota foi acrescentada à primeira edição deste número da Folha Criacionista)

Vendo Deus que a maldade do homem cobria a terra, e que todos os pensamentos que ideava seu coração eram puro mal continuamente, ... disse ... "Vou exterminar de sobre a face do solo o homem que tenho criado ...".

“Disse, pois, Deus a Noé: “... Faze uma arca de madeiras resinosas. ... Entra na arca tu e toda tua casa, porque tu és o único justo que tenho visto nesta geração. ... Porque dentro de sete dias farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e exterminarei de sobre a face do solo todos os seres que fiz”.

“O dilúvio durou quarenta dias sobre a terra. Cresceram as águas e levantaram a arca, que se elevou acima da terra.... Subiu o nível das águas muito, muitíssimo, sobre a terra, e ficaram cobertos os montes mais altos... Ao cabo de cento e cinquenta dias as águas haviam minguado, e no dia dezessete do sétimo mês, parou a arca sobre os montes de Ararat”.

(Gênesis, capítulos 6 a 8, Versão da “Bíblia de Jerusalém”).

NOTA EDITORIAL ADICIONAL INCORPORADA À SEGUNDA EDIÇÃO DO NÚMERO 23 DA FOLHA CRIACIONISTA

Em complementação à última notícia apresentada neste número da Folha Criacionista - “Encontra-se a arca de Noé?” - resolvemos inserir como nota editorial nesta reedição da Folha Criacionista número 23 um resumo cronológico dos relatos sobre possíveis observações da arca, desde a antiguidade, incluindo também tentativas mais modernas efetuadas para a sua descoberta. De 1973 em diante os dados correspondem às expedições constantes da notícia específica sobre o assunto apresentada no número 56 da Folha Criacionista (publicado em 1997).

RELATOS DA ANTIGÜIDADE ATÉ O FIM DO SÉCULO X

- ❖ Berossus - *História de Babilônia* (275 A.C.)
- ❖ Flávio Josefo - *Antigüidades dos Judeus* (Século I A.D.)
- ❖ Teófilo de Antioquia (180 A.D.)
- ❖ João Crisóstomo (c.400 A.D.)
- ❖ Epifânio de Salamina (c.400 A.D.)
- ❖ Isidoro de Sevilha - *Etimologias* (610 A.D.)
- ❖ Hussein El-Macin, de Bagdá - Relato sobre Heraclius, Imperador Romano do Oriente, (c.630 A.D.)
- ❖ Fausto de Bizâncio - Relato da história do bispo de Medzpin

RELATOS DO SÉCULO XI EM DIANTE

- ❖ Marco Polo (c.1250 A.D.)
- ❖ Jean Haithon (1254 A.D.)
- ❖ Vicente de Beauvais - *Speculum Quadrupes* (1259 A.D.)
- ❖ Guilherme de Ruysbroeck (1255 A.D.)
- ❖ Odorico, monge franciscano (1316 A.D.)
- ❖ João de Mandeville - *Viagens* (1360 A.D.)
- ❖ Adão Olearius - *Viagens dos Embaixadores* (1633 A.D.)
- ❖ Jans Janszoon Struys (1670)
- ❖ Sir John Chardin - *Journal of the Travels of the Cavalier Chardin* (1711 A.D.)
- ❖ Tournefort (botânico francês) (1701 A.D.)
- ❖ Claudius James Rich (início do século XIX)
- ❖ Frederick Parrot (1829)
- ❖ Smith e Dwight (missionários americanos) (1831)
- ❖ Sir Robert Porter (1831)

• **Terremoto de 20 de Junho de 1840 destroi Agora e o Mosteiro de S. Tiago**

- ❖ Haji Yearam (1856) - Adventista, relata feito a Harold Williams em 1952
- ❖ Coronel Alexander Koor
- ❖ John Kitto (c.1860)
- ❖ James Bryce (1876 - 1877)

• **Terremoto de 2 de Maio de 1883**

- ❖ Capitão Gascoyne (verão de 1883)
- ❖ Príncipe Nouri (1887)
- ❖ George Hagopian (1908 - 1910)

- **Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918)**

- ❖ Relatório sobre a descoberta russa de 1916 (6/10/1945)
- ❖ Carta de Duran Ayranci (soldados turcos)
- ❖ Carveth Wells (1933)
- ❖ Hardwicke Knight (1936)

- **Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)**

- ❖ Aviadores americanos (1943)
- ❖ Aviadores russos (1943)
- ❖ Expedição frustrada de Eryl Cummings (1945)
- ❖ Notícia de Associated Press sobre Resit (13/11/1948)
- ❖ Aaron J. Smith (1949)
- ❖ Notícia da Associated Press sobre Edwin Greenwald (28/9/1949)
- ❖ Ferdinand de Navarra - primeira expedição 1952
segunda expedição 1953
terceira expedição 1955 (madeira)
- ❖ George Greene (1953)
- ❖ John Libi - várias expedições (1945/55/58/60/62/65/67/69)
- ❖ Sevket Kurtis - Fotos na revista *Life* (23/10/1959)

- **Fundação da *Archaeological Research Foundation* (A.R.F.), 1960, presidida por George Vandeman**

- **Revolução na Turquia - queda do Primeiro Ministro Menderes (1960)**

- ❖ Lawrence Hewitt e Wilbur Bishop - Fotografia aérea (1961)
- ❖ Expedições A.R.F. - 1962/1964/1966/1967
1966 - Foto de objeto não identificado (só reconhecida em 1968)

- **Fundação da *Scientific Exploration and Archaeological Research Foundation* (SEARCH), 1967**

- ❖ Expedições SEARCH 1968 - Incidentes com Navarra (quebra o pé) e Bud Crawford (atrasa o início)
1969 - Pedacos de madeira
1970 - Governo turco cancela permissão
- ❖ Expedições ARF 1969 - Descobertas arqueológicas
1970 - Com Tim La Haye
1971 - Governo turco cancela permissão

- **Fundação do *Institute for Creation Research* (I.C.R.), 1970**

- **Revolução na Turquia - militares assumem o governo e depõem o Primeiro Ministro Suleyman Demirel (1971)**

- **Expedições posteriores**

- ❖ Expedição do *I.C.R.* (1972).
- ❖ Expedição da *Transworld Foundation* (1972).
- ❖ Expedição do *The Holy Ground Mission Changing Center*, impedida (1972).
- ❖ Expedições relacionadas no número 56 da Folha Criacionista (a partir de 1973).